

Migração Internacional – análises e tendências

Camila Craveiro ¹

Marta Roverly ²

Os fluxos migratórios, juntamente com a fecundidade e a mortalidade, constituem-se nos componentes da dinâmica demográfica. Mas, para além de ser uma questão demográfica, a migração guarda ainda dimensões políticas, econômicas, psicológicas e sociológicas que precisam ser contempladas. Na intersecção de diferentes áreas, este tema tem muito a se beneficiar da interdisciplinaridade que lhe é característica. Com os processos de internacionalização e as trocas culturais por ele ocasionadas, a migração internacional tem pautado as principais discussões sobre o comportamento das populações mundiais. Este artigo propõe uma revisão bibliográfica sobre os principais estudos, de natureza macro e micro-sociológica, que pretendem explicar, inicialmente, as origens dos processos de migração internacional e as recentes pesquisas que se dedicam à análise das razões de continuidade desses fluxos no mundo globalizado.

Palavras-Chave: processos migratórios, tendências, globalização.

1. Introdução

Este artigo pretende realizar um levantamento bibliográfico acerca do tema da Migração Internacional, discutindo as principais correntes teóricas de perspectiva macro e micro-sociológica, que buscam explicar as origens dos fluxos migratórios e suas prováveis razões de continuidade. A pesquisa compreende uma revisão bibliográfica e a consulta em dados secundários, que permitam a visualização das tendências dos deslocamentos populacionais.

Para uma divisão que se faz mais didática do que material, é possível separar em dois grandes blocos as correntes de estudos sobre migração. De um lado, as teorias macro-sociológicas privilegiam as ações estruturantes que determinam as decisões migratórias. Enquanto que as teorias micro-sociológicas trabalham a perspectiva de análise que tem no papel do agente individual o foco de decisão racional sobre a migração, retomando a linha weberiana.

Contudo, a fronteira entre correntes micro e macro-sociológicas não é claramente demarcada e, muitas vezes, os estudos se entrecruzam na tentativa de melhor apreensão do

¹ Camila Craveiro é mestre em Comunicação e doutoranda em Sociologia na Universidade Federal de Goiás, Brasil: camilacrav@gmail.com

² Marta Roverly é doutora em Ciências Sociais, com área de concentração em Demografia pela Unicamp, docente e pesquisadora na Universidade Federal de Goiás, Brasil, e orientadora da pesquisa em curso. martary@gmail.com

objeto e possibilitam a interdisciplinaridade capaz de enriquecer as pesquisas sobre o comportamento das populações mundiais.

2. Migração e a Sociologia

Os autores considerados clássicos pela Sociologia, Marx, Durkheim e Weber, não dedicaram estudos mais específicos acerca do tema da migração. Grosso modo, suas considerações relacionam a migração à crescente urbanização proporcionada pela sociedade moderna. Entretanto, muitos de seus conceitos são retomados posteriormente a fim de explicar as causas do fenômeno migratório.

Karl Marx, por exemplo, tem sua visão sobre o capitalismo e o trabalho revista por teóricos que pensam a estrutura do mercado de trabalho e o atual estágio de desenvolvimento do capitalismo, que ocasionaria a formação de exército reserva de trabalhadores. Segundo Oliveira (2014, p. 03):

A tese é simples: a concentração de capital se fez acompanhar da concentração humana. Marx afirma que uma “superpopulação relativa” é condição necessária da *Lei Geral da Acumulação Capitalista*. As referências ao impacto das grandes migrações sobre o desenvolvimento do capitalismo dividem-se em três dimensões complementares: 1) desestruturação da economia camponesa tradicional, provocando a migração de grandes levas de camponeses sem trabalho ou terra em direção às nascentes cidades industriais; 2) desenvolvimento dos meios de transportes, que permitiu e incentivou o rápido deslocamento dos contingentes humanos liberados; 3) processo de concentração industrial em algumas cidades.

Durkheim aborda o tema da imigração paralelamente ao tratar das cidades, na obra “Da divisão do Trabalho Social”. O autor dá a entender que a migração concorre para o aumento da solidariedade e da coesão social nas sociedades modernas. Oliveira, ao analisar a contribuição de Durkheim ao tema da migração, afirma que:

O objetivo não é realmente falar de migrações, e sim das consequências por elas provocadas nos espaços rurais e nas pequenas cidades de onde saíam os migrantes. Nos primeiros, a consequência imediata era o enfraquecimento das tradições. Já nas cidades-destino, assistia-se a um nivelamento das hierarquias e a um aumento da igualdade (2014, p.05)

Por outro lado, Weber é citado por autores que enfocam a escolha da decisão racional do indivíduo como motivador para a migração.

A análise dos textos de Weber indica um grande leque de possibilidades a serem exploradas para o exame do fenômeno das migrações. Mas a base talvez seja sempre a mesma: no fundo, a migração é sempre uma decisão e um ato individual e as consequências dela poderão ser tão numerosas quanto os indivíduos que as empreendem (OLIVEIRA, 2014, p.11).

Mais especificamente tratando dos estudos sobre migração, o autor inglês Ravenstein, da virada do século XIX para o século XX, é considerado por muitos pesquisadores como uma referência para o tema. Ravenstein escreveu dois textos sobre as leis da migração e os fluxos internos e internacionais. Seu caráter precursor é relevante. Ele apresenta uma análise empírica dos fenômenos migratórios e antecipa muitos dos procedimentos metodológicos utilizados contemporaneamente. Ainda, propõe conceitos que permanecem válidos, tais como: classificações de migrantes (temporários, de curta e média distância, entre outros), migrações por etapas, regiões de atração e repulsão, efeito da distância, contra-correntes, ação de estímulos econômicos.

De acordo com Peixoto (2004), é possível sintetizar as leis propostas por Ravenstein da seguinte maneira:

- 1) A maioria dos migrantes percorre uma curta distância e as correntes dirigem-se para os centros de comércio e de indústria;
- 2) O processo de atração para uma cidade em desenvolvimento começa nas zonas que a circundam e estendem-se a locais mais remotos;
- 3) O processo de dispersão é o inverso do de atração;
- 4) Cada corrente principal de migração produz uma contra-corrente compensatória;
- 5) Os migrantes provenientes de locais mais distantes preferem os grandes centros de comércio e indústria;
- 6) Os nativos das cidades migram menos que os da zona rural;
- 7) As mulheres são mais migratórias do que os homens;

Apesar da contribuição do inglês Ravenstein, é a partir do início do século XX, com a onda migratória que se originou da Europa em direção aos EUA, que estudiosos começaram a problematizar a migração no âmbito sociológico.

A obra *The Peasant Polish in Europe and America*, de Thomas & Znaniecki. (1918) aborda a migração de mais de dois milhões de poloneses para a América na virada do século XIX e XX.

Esta obra serviu de referência à Escola de Chicago no desenvolvimento de análises empíricas sobre a migração. E uma característica específica deste contexto foi que os estudos eram feitos a partir do viés do país receptor. Falava-se muito sobre assimilação, aculturação, em tentativas que visavam compreender como os imigrantes recém-chegados se integravam à sociedade norte-americana. Ao se referenciar à produção da Escola de Chicago, Portes (1999) considera que essas análises esbarraram em algumas limitações. Primeiramente, para o autor,

os estudos norte-americanos deixaram de considerar as determinantes dos países de origem dos emigrados, tratando o assunto simplesmente como “atração-repulsão” (*push-and-pull*), além disso a assimilação cultural apareceu como inevitável e de carácter eminentemente positivo, por fim, ele considera que o enfoque foi dado na sociedade receptora e não no indivíduo, não considerando o ponto de vista do imigrante.

Ainda que já se tenha apontado o carácter didático que faz com que a divisão em aspectos macro e micro-sociológicos entre as teorias que estudam fluxos migratórios possa ser realizada, é importante frisar que muitas vezes estes aspectos se intercambiam e interpenetram, estando presentes quando se estuda determinado fluxo ou decisões migratórias de agentes sociais.

Castles & Miller (2003) apontam que os movimentos migratórios podem apresentar diferentes formas: “people migrate as manual workers, highly-qualified specialists, entrepreneurs, refugees or as family members of previous migrants” (p. 03). Os fluxos migratórios modificam tanto os países de origem quanto os de destino e suscitam questões diversas como diversidade cultural, identidade nacional, dentre outras (CASTLES & MILLER, 2003).

Apesar de ser uma proposta que encontra ressonância mais no aspecto didático do que em termos reais, optou-se, para este artigo, por razões de clareza no entendimento, a divisão realizada por Peixoto (2004). O autor, no quadro abaixo, busca um desenho para esta separação:

Quadro 2.2
A ANÁLISE DAS MIGRAÇÕES - UM MODELO DE INVESTIGAÇÃO

		Objecto	
		<i>economia</i>	<i>sociologia</i>
Perspectiva metodológica	<i>individualista</i>	Racionalidade Instrumental / Mercado de Trabalho / Rendimentos / Investimento em Capital Humano	Ciclo de Vida / Carreira / Mobilidade Social / Acção Não Instrumental
	<i>holista</i>	Mercado de Trabalho Segmentado / Flexibilização / Sistemas Espaciais / Sistemas-Mundo / Sistemas Migratórios	Família / Instituições / Organizações / Redes Migratórias / Enclaves Étnicos / Normas e Imagens Colectivas

Fonte: Quadro construído pelo autor

Quadro 1 – A análise das migrações – um modelo de investigação (PEIXOTO, 2004)

As correntes macro-sociológicas, também denominadas de “histórico-estruturais”, apontam que fatores coletivos determinam as decisões migratórias dos agentes. Estas teorias guardam grande influência das perspectivas marxista e neo-marxista, no sentido em que defendem a atuação de forças sociais estruturantes que impelem e modelam a ação individual.

A perspectiva do Mercado de Trabalho Segmentado (ou Mercado Dual) encontra sua referência nos estudiosos dos temas que envolvem trabalho e economia que indicaram, a partir dos anos de 1970, o surgimento de uma tendência de segmentação do trabalho. As razões para tal movimento residem em novas formas de regulação e da necessidade de mão de obra flexível para setores considerados precários. O mercado de trabalho, então, passa a operar em duas dinâmicas distintas: o mercado primário e o secundário (também intitulado mercado dual). Larrañaga explica:

Esta idea de que no existe un único mercado de trabajo que abarca más o menos a todos y a todas y es homogéneo sino que existen mercados múltiples y diferenciados constituye el núcleo central de la teoría de la segmentación del mercado de trabajo. La idea de los mercados segmentados surgió a partir de estudios sobre la pobreza, el desempleo y las condiciones laborales de las personas que trabajaban fuera de los canales de carrera normales de los hombres blancos de la clase media americana y ha sido desarrollado fundamentalmente en Estados Unidos. (2000, p.16)

O mercado primário é aquele que exige a qualificação do trabalhador e que, por outro lado, oferece estabilidade no emprego, ganhos mais altos, proteções legais e conta com a participação de sindicatos fortes. Quando migrantes de países menos desenvolvidos se dirigem a países mais desenvolvidos e possuem qualificação fala-se no movimento de *brain drain*, ou fuga de cérebros.

Enquanto que o mercado secundário compreende atividades que afastam a maioria dos cidadãos nacionais acaba por atrair migrantes de países menos desenvolvidos que, mesmo numa situação de trabalho temporário ou ilegal, com instabilidade, baixos salários e a fraca presença de sindicatos, ainda conseguem enviar divisas para o país de origem. Por essa razão, alguns governos investem para que esse fluxo de mão de obra seja mantido.

Sassen (2010), ao falar sobre as conexões econômicas entre migração e globalização, aborda a maneira com que ao uso crescente de produção *offshore* influencia no movimento migratório de países menos desenvolvidos para os mais desenvolvidos, por criar conexões subjetivas e objetivas entre estes países. Segundo a autora, “trabalhadores em melhor situação podem ter acesso aos contatos para a migração, enquanto que os desprivilegiados estão esgotados e precisam encontrar novas formas de sobreviver, o que pode levar à emigração” (p.123).

Ainda, a produção *offshore* pode criar nos países desenvolvidos a demanda por trabalhadores migrantes que aceitem baixos salários, a fim de que os custos da produção permaneçam baixos e competitivos.

As teorias que compreendem a relevância das estruturas espaciais integram-se ao campo da geoeconomia. Há, nesta concepção, a presença da variável espaço como determinante, que explicaria o desenvolvimento de certos territórios em oposição a outros. Para tanto, utiliza-se de conceitos como os de economia de escala e aglomeração, bem como trata-se da disponibilidade de recursos produtivos como um dos fatores que concorrem para que certas estruturas de espaço se tornem mais desenvolvidas e, conseqüentemente, mais atraentes para os movimentos de deslocamento de pessoas.

De inspiração marxista, a teoria de Sistema-Mundo conjuga aspectos das estruturas espaciais com as relações sociais. Neste estudo, há clara distinção entre centro e periferia, o que explica a existência de zonas salariais diferenciadas no globo e, ainda, a criação de excedentes de mão de obra (exércitos de reserva) nas periferias.

De acordo com os conceitos de centro e periferia e de desequilíbrio estrutural, “a emergência de fluxos regulares de mão-de-obra em direção ao exterior, com uma dimensão estável e destino conhecido dependeria em grande medida da expansão prévia de Estados-nação mais poderosos para as áreas periféricas emissoras” (PORTES, 1999, p. 26).

Por sua vez, os Sistemas-Migratórios explicam, a partir de contextos históricos particulares, a maneira com que fluxos regulares de migrantes geram uma dinâmica interna que configura um sistema. Na maior parte dos casos, estes fluxos provêm de relações de contato entre colonizadores e colonizados. Sassen confirma que “(...) quem recruta quem tende a ser determinado por laços político-econômicos anteriores – por exemplo, colonialismo ou investimentos estrangeiros atuais” (2010, p. 117).

Portes acrescenta que “as correntes migratórias em geral dirigem-se de países periféricos para aqueles países centrais com os quais possuem maiores vínculos históricos e que são normalmente responsáveis pela difusão de novos desejos e aspirações” (1999, p.03).

No caso das teorias que estudam as instituições como agentes promotoras dos fluxos migratórios, há que se fazer algumas ressalvas: a primeira é em relação aos tipos de Instituição, que podem ser uma organização pública ou privada, agências de emprego ou departamentos estatais ligados à migração. Quando se fala em organizações (público ou privadas) empregadoras, normalmente o tipo de migrantes tende a ser aquele de classe socio-econômica média ou elevada.

Um fenômeno ainda recente, chamado de transnacionalismo, trata especificamente de indivíduos que “adotam estratégias de vida bi-nacionais e bi-culturais” (PORTES, 1999, p. 04). São migrantes que dividem seu tempo e seu trabalho entre o país de origem e o país receptor.

Apesar de ser ainda um fenômeno tímido, ele é capaz de reconfigurar futuramente conceitos como o de assimilação e de “comunidade migrante” (PORTES, 1999).

Por fim, no caso de organizações de acompanhamento ou suporte, fala-se no migrante de condição social inferior. E neste caso, há que se pontuar que o endurecimento nas políticas de migração nos países de destino contribui para o surgimento de organizações clandestinas que ofertam serviços de migração ilegal e, ainda, para o tráfico humano.

Já as Redes Migratórias constituem no desenvolvimento e na intensificação de redes de contatos entre os países de origem e de destino formadas por “conterrâneos, familiares, amigos e agentes promotores da imigração” (PEIXOTO, 2004, p. 29) que propiciam maiores informações sobre percursos, possibilidades de trabalhos e de remuneração, destinos etc.

Peixoto (2004) fala em uma “racionalidade limitada”, uma vez que as informações partilhadas via redes não são de todo seguras e que não são os fatores econômicos os preponderantes nesse tipo de decisão migratória.

A fim de explicar como funcionam as migrações que se baseiam em Laços Étnicos e Sociais, Portes (1999) sugere três níveis diferentes de recepção ao se pensar os modos de incorporação dos migrantes, são eles: 1) o tipo de política governamental praticado em relação aos imigrantes, 2) a sociedade civil e a opinião pública em relação à imigração e 3) a comunidade étnica.

Ao terceiro nível de recepção corresponde uma junção entre as redes sociais e os laços étnicos. São comunidades que se formam a partir da partilha de laços culturais, de nacionalidade, religiosos e que podem configurar enclaves étnicos, onde predominam relações baseadas na solidariedade e na confiança. Conforme foi descrito anteriormente, este tipo de encrustamento revela uma obrigação gerada pelas estruturas sociais que, apesar de ser uma forma valiosa de ajuda, nem sempre favorece os recém-chegados a uma comunidade étnica.

Ao se buscar associar teorias que estudam as migrações em um conjunto denominado de Micro-sociológicas parte-se do princípio de que é a racionalidade individual, na forma de ação social, a determinante das ações individuais frente a contextos econômicos ou sociais. Portanto, recorre-se ao pensamento weberiano no entendimento da noção de ação. Para o autor,

Sociologia designará: uma ciência que visa compreender, interpretando a ação social e, deste modo, explicá-la casualmente no seu decurso e nos seus efeitos. Por ‘ação’ entender-se-á um comportamento humano (consista ele num fazer externo ou interno, num omitir ou permitir), sempre que o agente ou os agentes lhe associem um sentido subjetivo (WEBER, 2010, p.07)

A teoria de *Push-and- pull* tem inspiração nas leis propostas por Ravenstein. Essa corrente enuncia que o indivíduo considera existir no país de origem fatores de repulsão, sendo

constituídos principalmente pela pobreza e pelo desemprego. Por outro lado, o migrante enxergaria no país de destino fatores de atração, considerados como possibilidades de empregos e melhores salários. A partir dessa relação, o indivíduo avalia os custos/prováveis benefícios do deslocamento, optando por aquilo que lhe parecer mais vantajoso.

A crítica feita a essa teoria é que ela pretende uma objetividade difícil de dar conta de explicar o processo migratório como um todo, já que exclui das suas análises fatores subjetivos. Sassen (2010), por sua vez, levanta a discussão de que os fatores de repulsão explicam por que as pessoas emigram, mas não explicam por que pessoas nas mesmas condições não se mudam.

A teoria do Capital Humano segue a lógica de *push-and-pull*, porém considera o investimento na migração uma decisão que trará benefícios a longo prazo e que possibilitará ganhos individuais ou familiares. Nessa lógica, “people decide to invest in migration, in the same way as they might invest in education or vocational training, because it raises their human capital and brings potential future gains in earnings” (CASTLES & MILER, 2003, p.23)

Os custos do deslocamento vão desde o valor pago em passagens, intermediários (quando houver), adaptação (aprendizagem de nova cultura e domínio da língua) e a distância da família e amigos. Os benefícios se referem basicamente ao aumento do capital produtivo e à possibilidade de melhores chances de crescimento no futuro.

Há que se apontar que, apesar do que acredita o senso comum (e muitas vezes, a mídia veicula), o perfil médio dos migrantes não é composto por pessoas pobres de países subdesenvolvidos, mas em geral de indivíduos de status social intermediário provenientes de áreas que passam por transformações sociais e econômicas. São essas as pessoas que fazem seu percurso migratório baseadas na decisão de aumentar o capital humano.

Por Ciclo de Vida, entende-se uma perspectiva mais sociológica do que econômica e de natureza biográfica. Nesta teoria faz-se notar a relevância dos valores, de comportamentos afetivos e tradicionais. Portanto, há uma ligação entre a perspectiva individual e as realidades coletivas.

Alguns autores propõem a mudança do conceito de ciclo de vida para curso de vida, a fim de abarcar os diferentes rearranjos familiares atuais (divórcio, segundo casamento, partida dos filhos, filhos de mais de um casamento, idosos...).

Como exemplo do que postula este estudo, tem-se que indivíduos casados migram menos que os solteiros. Famílias maiores, também. E que, com o avançar da idade, a decisão pela migração diminui. Ainda, que o conjunto familiar precisa ser considerado e, às vezes, este funciona como um constrangimento à decisão de migrar.

Para a perspectiva de Trajetória Social (mobilidade social e profissional), a finalidade da decisão migratória parte de uma vontade do indivíduo por alcançar diferentes posições sociais. Essa mobilidade pode advir de um crescimento dentro da estrutura organizacional da empresa onde o indivíduo trabalha (e que incluiria a mudança para outra localidade) ou a partir de uma transição de empregos para o mercado externo. No primeiro caso, quando o indivíduo se desloca a convite de uma organização, é importante notar que não se trata necessariamente de uma decisão individual, mas que boa parte da influência pelo percurso origina-se da própria organização.

3. Tendências

Após a Segunda Guerra e com a consolidação da globalização, Castles & Miller (2003) identificam possíveis tendências ao se tratar de migração, apesar da diversidade que corresponde aos movimentos migratórios.

A primeira tendência é a globalização da migração, considerando-se que há um aumento na quantidade de áreas de origem dos fluxos migratórios, ao mesmo tempo em que mais locais estão sendo por eles afetados. Um exemplo dessa localização é o fato de o Brasil estar mais fortemente incluído como país de destino das migrações.

Há, também, a aceleração da migração, em que o volume de movimentos internacionais de pessoas apresenta crescimento. E a diferenciação da migração, onde diversos tipos de migrações concorrem em um mesmo local. Assim, não é mais possível falar de um tipo específico de migração (de trabalho, de refugiados...) por região. Nesse sentido, o 69th Relatório Anual das Nações Unidas afirma que:

Acknowledges the complexity of migratory flows and that international migration movements also occur within the same geographical regions, and in this context calls for a better understanding of migration patterns across and within regions, regardless of the level of development; (UN, 2014, p.03)

Ainda, a feminização da migração demonstra que as mulheres desempenham um papel decisivo nos fluxos migratórios e os estudiosos estão cientes de que essa importância tem se tornado significativa. O mesmo Relatório anteriormente citado aponta:

Recognizes that women and girls account for almost half of all international migrants at the global level, and also recognizes the need to address the special situation and vulnerability of migrant women and girls by, inter alia, incorporating a gender perspective into policies and strengthening national laws, institutions and programmes to combat gender-based violence, including trafficking in persons and discrimination against women and girls; (UN, 2014, p.05)

Por fim, a crescente politização da migração traz à tona questões como relações bilaterais, segurança nacional e políticas internas que se encontram na pauta de discussão de uma agenda mundial. Nesse contexto, os autores apontam para a necessidade de se notar o crescimento da influência dos partidos de extrema direita e para a ameaça do racismo. As Nações Unidas reiteram essa preocupação:

(...) *Expresses concern* about legislation adopted by some States that results in measures and practices that may restrict the human rights and fundamental freedoms of migrants, and reaffirms that, when exercising their sovereign right to enact and implement migratory and border security measures, States have the duty to comply with their obligations under international law, including international human rights law, in order to ensure full respect for the human rights of migrants; (UN, 2014, p. 04)

Considerações Finais

A partir do levantamento bibliográfico realizado, constatou-se que, para pensar a migração enquanto fenômeno sociológico é necessário um olhar interdisciplinar capaz de abarcar estudos das áreas da economia, da geografia e da demografia, principalmente, vez que não é tarefa simples compreender as razões pelas quais as pessoas decidem pelo percurso migratório.

A premência em pesquisar esta área é sustentada pela maneira com que o assunto tem pautado a agenda midiática global. Como apontado pelas tendências, o fenômeno da migração internacional tem-se ramificado, atingindo áreas até então não consideradas polos de atração, o aumento da quantidade de migrantes e a aceleração deste processo requer o cuidado e a preocupação por partes dos Estados em pensar políticas e estratégias que sejam capazes de promover a inserção cidadã destas pessoas, reprimindo atitudes e projetos que ensejam a discriminação e o preconceito.

REFERÊNCIAS

- CASTLES. Stephen. MILLER, Mark J. **The age of migration**. 3rd ed. New York: Palgrave MacMillan, 2003.
- LARRAÑAGA, Mercedes. **Analisis Teoricos de la desigualdade**. Trabalho apresentado à VII Jornada de Economía Crítica (2000). Disponível em <http://pendientedemigracion.ucm.es/info/ec/jec7/areas.htm#a3>. Acesso em maio de 2015.
- OLIVEIRA, Márcio. **O tema da imigração na sociologia clássica**. In: DADOS – *Revista de Ciências Sociais*, Rio de Janeiro, vol. 57, no 1, 2014, pp. 73 a 100. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/dados/v57n1/03.pdf>. Acesso em maio de 2015
- PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas**. In: SOCIUS Working Papers N°11. Universidade Técnica de Lisboa, 2004.

PORTES, Alejandro. **Migrações Internacionais**. Trad. Frederico Ágoas. Oeiras: Celta Editora, 1999.

SASSEN, Saskia. **Sociologia da Globalização**. Trad. Ronaldo Cataldo Costa. Porto Alegre: Artmed, 2010.

UNITED NATIONS. **Resolution adopted by the General Assembly on 19 December 2014. International migration and development**. Disponível em http://www.iom.int/sites/default/files/UN_Documents/69th_Session/N1471371.pdf. Acesso em junho de 2015.

WEBER, Max. **Economia e Sociedade – vol.1**. Tradução de Regis Barbosa e Karen Elsabe Barbosa. Brasília: Editora UNB, 2004.

Lista de Imagem

Quadro 1- A análise das migrações – um modelo de investigação. In: PEIXOTO, João. **As Teorias Explicativas das Migrações: Teorias Micro e Macro-Sociológicas**. In: SOCIUS Working Papers Nº11. Universidade Técnica de Lisboa, 2004.